

Decifrando o “Trump tropical”: análise das percepções dos think tanks dos Estados Unidos sobre a eleição e o governo Bolsonaro

Deciphering the "tropical Trump": analysis of the perceptions of the United States think tanks about the election and the Bolsonaro government

DOI: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.96222>

Luciana Wietchikoski

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

wietch.luciana@yahoo.com.br  

Eduardo Munhoz Svartman

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

eduardosvartman@gmail.com  

Resumo

Desde a campanha eleitoral, o presidente brasileiro Jair Bolsonaro emula a retórica e iniciativas do presidente estadunidense Donald Trump e proclama o alinhamento do Brasil com os Estados Unidos. Diante deste realinhamento, o presente artigo avalia as percepções através das quais o novo governo brasileiro tem sido caracterizado em Washington, particularmente junto aos *think tanks* dedicados à política internacional. Estas organizações da sociedade civil, cuja produção ideacional visa influenciar a opinião pública e a formulação de políticas públicas, desempenham papel importante na difusão de narrativas a respeito do Brasil nos meios político, econômico, midiático e acadêmico estadunidense. Utilizando a metodologia da análise de conteúdo, demonstra-se que, a despeito da aposta do governo brasileiro no alinhamento com os Estados Unidos e da acolhida inicialmente positiva do governo Donald Trump, a produção ideacional a respeito do novo presidente, sua agenda doméstica e política externa tem sido mais crítica do que elogiosa.

Palavras-chave: *Think tanks*; Relações Brasil-Estados Unidos; Opinião pública.

Abstract

Since the electoral campaign, the Brazilian president Jair Bolsonaro emulates United States' President Donald Trump's rhetoric and attitudes while proclaims an alignment with Washington. Before this changing scenario, the present article assesses the perceptions that has been framing the new Brazilian government in Washington, especially within the think tanks devoted to international politics. These civil society organizations, whose ideas aim to influence the public opinion and the public policies cycle, play an important role in propagating narratives about Brazil in different USA social fields like the politics, private sector, media, and academia. Employing content analysis methodology, one argues that, despite the new administration bet on the alignment with the United States and the positive words from the Trump administration, the ideational production of the researched think tanks about Bolsonaro and his political agenda is more negative than positive.

Keywords: Think tanks; Brazil-United States relations; Public opinion.

Recebido: 15, Setembro, 2019
Aceito: 24, Julho, 2020

Conflitos de interesse: Os(as) autores(as) não reportaram potenciais conflitos de interesse



Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuição sob os termos da licença [Creative Commons de Atribuição Não-Comercial Compartilha-Igual 4.0 Internacional \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite seu uso, distribuição e reprodução em qualquer meio bem como sua transformação e criações a partir dele, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados. Ainda, o material não pode ser usado para fins comerciais, e no caso de ser transformado, ou servir de base para outras criações, estas devem ser distribuídas sob a mesma licença que o original.

Introdução

A eleição de Jair Bolsonaro desde cedo tem afetado a política externa do Brasil. Em campanha e logo após o pleito, as falas de Bolsonaro e de sua equipe indicaram a ênfase nas relações bilaterais em detrimento das multilaterais, o alinhamento com os Estados Unidos, o esvaziamento do Mercosul e o distanciamento em relação aos países latino-americanos classificados como de esquerda e antidemocráticos (ARAUJO, 2018; BOLSONARO, 2018; RITTNER, 2018). Desde o seu primeiro dia, o novo governo adotou uma retórica crítica ao multilateralismo — um dos eixos tradicionais da política externa brasileira —, à ordem global e ao que chama de “globalismo”, expressa em afirmações incomuns no discurso diplomático brasileiro tais como “O globalismo se constitui no ódio, através das suas várias ramificações ideológicas e seus instrumentos contrários à nação, contrários à natureza humana, e contrários ao próprio nascimento humano” (BRASIL, 2019, n.p). Em seu discurso de posse, o novo chanceler estabeleceu uma oposição entre aquilo contra o qual o Brasil estaria se insurgindo: o “globalismo”, as organizações não governamentais e a “tirania na Venezuela”, e aqueles a quem admira: os Estados Unidos, Israel, a oposição venezuelana, a “nova Itália”, a Hungria e a Polônia (Idem). Essa retórica, que remete a uma espécie de despertar religioso, se desdobrou em ações como a promessa de transferência da embaixada brasileira em Israel de Tel Aviv para Jerusalém, a transposição da agenda contrária aos direitos humanos para a atuação junto aos órgãos da Organização das Nações Unidas e o esvaziamento do Mercosul e da Unasul.

O governo Bolsonaro tem se associado à chegada ao poder de outras lideranças frequentemente classificadas como populistas de direita ou de extrema direita em vários países, inclusive nos EUA. O *Tweeter* de Donald Trump saudando a posse de Jair Bolsonaro e afirmando que “*the USA is with you*” sugere um tipo de alinhamento entre os dois países; marcado por conexões pessoais, como a relação entre um dos filhos do presidente Bolsonaro (o deputado federal Eduardo Bolsonaro) e ex-assessores de Donald Trump. Ao menos desde 2018, Bolsonaro tem sido descrito pela imprensa internacional como o “Trump dos trópicos” (PHILLIPS, 2018), tanto pela agenda quanto pelos métodos de ação. Essa convergência foi reforçada por três iniciativas do governo brasileiro tão incomuns quanto o discurso de posse de seu chanceler: a primeira visita internacional de Bolsonaro foi aos Estados Unidos, não à Argentina como era a praxe desde a redemocratização; em sintonia com Washington, o Brasil apoiou a tentativa da oposição venezuelana para derrubar o governo Maduro em abril-maio de 2019; e a tentativa (frustrada) de Bolsonaro indicar seu filho para o cargo de embaixador nos EUA, contando já com a anuência do Departamento de Estado.

Diante deste cenário novo, de inflexões e realinhamento do Brasil, o presente artigo avalia as percepções a respeito do governo brasileiro em Washington, particularmente junto aos *think tanks*. O que se esboça como um novo período de alinhamento automático do Brasil aos EUA tem suscitado críticas nos meios político e diplomático (CARDOSO *et al.*, 2020) e no meio acadêmico (LIMA; ALBUQUERQUE, 2019; SARAIVA; SILVA, 2020) brasileiros. Pretendemos então investigar a recepção nos Estados Unidos destas mudanças, mais especificamente no ambiente dos *think tanks* deste país. Abordar a produção ideacional dos *think tanks* estadunidenses é relevante em função do complexo papel que estas organizações da sociedade civil desempenham no ambiente político dos EUA. Na medida em que pretendem influenciar a opinião pública, a burocracia estatal, o Congresso e os governos, os *think tanks* constituem um espaço privilegiado para se perscrutar o debate público e as narrativas que informam decisões tomadas e políticas implantadas pelos governos estadunidenses e pelo setor privado.

Avaliar as percepções que circulam no chamado “mercado de ideias” (SMITH, 1991) de Washington é particularmente importante num período em que os EUA não possuem consenso quanto à estratégia a ser adotada para vários temas e regiões, o que leva ao emprego de políticas *ad hoc* e aparentemente contraditórias (VEZIRGIANNIDOU, 2013), característica que se acentuou durante o governo Trump (IKENBERRY, 2017). Neste artigo, sustentamos que, embora a convergência entre Bolsonaro e Trump acima descrita possa sugerir uma acolhida positiva, quando se investiga o leque mais amplo das comunidades epistêmicas que interagem com os atores da política externa dos EUA, obtêm-se uma produção discursiva diversa, na qual as representações elogiosas estão restritas a uma parte dos *think tanks* mais alinhados

com o governo Trump, ao passo que parte dos *think tanks conservatives* e todos *progressives*¹ consultados publicaram conteúdos críticos ao presidente brasileiro e suas agendas doméstica e de política externa.

Para dar conta desta proposta, o presente artigo está organizado da seguinte forma: esta introdução, uma seção que descreve mais detalhadamente o que são e como operam os *think tanks* estadunidenses, assim como as opções metodológicas que pautaram a presente pesquisa; posteriormente é apresentada a análise da produção ideacional dos institutos selecionados a respeito do governo Bolsonaro a partir de dois *clusters* de *think tanks* (*conservatives* e *progressives*); na sequência, as conclusões da pesquisa são expostas; por fim, nas considerações finais, são apresentadas inferências a partir dos resultados obtidos.

***Think tanks*, construção de agenda nos Estados Unidos e enquadramento metodológico**

Contando atualmente com mais de mil e oitocentos institutos nos EUA, os *think tanks* podem ser definidos como organizações que operam na construção, reprodução e circulação de ideias vocacionadas a modelar o debate público e a influenciar a formulação de políticas públicas junto aos governos, burocracias e ao Congresso. Dispondo como princípio de legitimidade a *expertise* de seus quadros, os *think tanks* visam promover ideias e agendas políticas que informam o desenho de políticas governamentais, recomendações ao setor privado e decisões de investimento (RICH, 2004).

Apesar de não interferirem de forma direta no processo de tomada de decisão, a literatura identifica que, em diferentes circunstâncias, estas organizações desempenham papel ativo na produção das opções de política externa nos EUA. Este influxo se processa através do conjunto de atividades que estas instituições desenvolvem dentro e fora de suas sedes (ABELSON, 2006; MEDVETZ, 2012). Seja em atividades públicas (aquelas que são de conhecimento compartilhado a todos) ou reservadas (restritas ao contato interpessoal entre políticos, burocratas, empresários e membros dos institutos), os *think tanks* apresentam suas recomendações aos tomadores de decisões por meio de livros, artigos, e *policy briefings* ou em audiências públicas no Congresso; organizam eventos para discutir temas determinados; promovem ideias e agendas em redes formadas pela elite política, dos negócios, da mídia e do meio intelectual nacional e; atuam ativamente na mídia nacional, posicionando-se como interpretes das questões políticas em pauta. Além disso, em cada ciclo eleitoral acolhem e fornecem quadros a governos (ABELSON, 2006; SMITH, 1991; TEIXEIRA, 2007).

Esta interação dos *think tanks* com o meio político é especialmente relevante nos EUA. O país tem um ambiente institucional no qual múltiplos atores interferem no processo de formulação e execução das políticas externa e de defesa, entre eles, os *think tanks* (ABELSON, 2006). Assim, os *think tanks* podem ser definidos como um dos espaços envolvidos no processo de construção ideacional dos chamados interesses nacionais dos EUA. O que se entende por interesse nacional — as noções que informam as formulações estratégicas, a identificação de oportunidades e ameaças, aliados e inimigos e, por fim, o desenho das políticas delas decorrentes — não são apenas decorrência da estrutura do sistema internacional, mas também de percepções, identidades e representações socialmente construídas (JERVIS, 1976; FINNEMORE, 1996; HOPF, 2002).

Os *think tanks* também desempenham o papel de “traduzir” para um público mais amplo (seja no âmbito dos governos ou da opinião pública) determinados acontecimentos repercutidos na imprensa (ABELSON, 2006; MEDVETZ, 2012). Essa mediação didática tem particular importância no que concerne ao Brasil, uma vez que o país é comparativamente menos conhecido em Washington que outros países latino-americanos como México, Cuba ou Colômbia, cujas agendas afetam mais diretamente a política doméstica dos EUA. Nesse contexto, a produção ideacional difundida pelos *think tanks* acerca do Brasil é consumida por quadros da diplomacia estadunidense, das empresas de consultoria, das agências de classificação de risco, da imprensa e de associações de negócios (SVARTMAN, 2016;

¹ O emprego e o conteúdo dos termos *conservative* e *progressive* serão explicados na próxima seção do artigo.

WIETCHIKOSKI, 2018). Estas organizações, são, enfim, um espaço social no qual se pode identificar as opções políticas que estão em circulação e disputa no ambiente político dos Estados Unidos. Os *think tanks* aqui investigados trataram então de decifrar, ou explicar, o governo Bolsonaro para a audiência acima descrita.

Em termos metodológicos, do extenso universo de *think tanks* estadunidenses, selecionamos inicialmente aqueles que acompanham política exterior e que apresentaram produção continuada a respeito do Brasil. Para extrair uma amostra cuja produção possa ter relevância e impacto, empregou-se o indexador *Global Go To Think Tank Index* (MACGANN, 2017), o que permitiu selecionar sete *think tanks* reputados entre os mais influentes ou especializados em América Latina.

A seleção também procurou representar *think tanks* que cobrissem as orientações ideológicas predominantes no espectro político estadunidense. Assim, entre os *think tanks* que podem ser identificados com agendas ligadas à limitação do papel do Estado na economia, à posse de armas e à promoção de valores tradicionais, que frequentemente se autodenominam *conservatives*, foram selecionados a *Heritage Foundation*, o *American Enterprise Institute (AEI)*, e o *CATO Institute*. Já entre os *think tanks* cujas agendas se identificam com redução de desigualdades (de classe, de raça e de gênero), meio ambiente e regulação da economia pelo Estado, classificados como *progressives*, selecionou-se: o *Council on Foreign Relations (CFR)*, a *Brookings Institution*, o *Wilson Center Brazil Institute* e o *Inter-American Dialogue*.

Optou-se por manter os termos em inglês porque a sua tradução para o português implica em mudança de sentido, especialmente no caso do termo *progressive*, uma vez que, em português, a palavra “progressista” está associada ao campo da esquerda, o que não se aplica adequadamente aos *think tanks* estudados. É importante ponderar que a dicotomia é um tanto arbitrária. Conforme Medvetz (2012), a emergência dos *conservative think tanks* no final dos anos 1970 forçou uma redefinição do espaço social no qual operavam instituições mais antigas como a *Brookings* e o CFR, que se autodefinem como “bipartidárias” (referindo-se aos partidos Democrata e Republicano, que dominam a cena política dos EUA), mas que são herdeiros da chamada “*Progressive Era*” naquele país. Ainda que possuam orientações e matizes diferentes, é importante destacar que todos os *think tanks* selecionados assumem como premissa básica a posição de liderança dos Estados Unidos no sistema internacional e as instituições e valores de seu país como modelos para os demais.

Para identificação da produção de cada *think tank* selecionado, foram utilizadas as ferramentas de busca disponíveis nos seus próprios *webs sites*. A partir dos marcadores “Brazil”, “Bolsonaro”, “election Brazil”, “Brazilian politics”, “Democracy in Brazil”, “Brazilian foreign policy”, “Amazon”, “Davos”, “Brazil-USA”, “Trump-Bolsonaro”, “Brazil-OECD”, “Brazil's preferred military ally of NATO”, “Brazil's democracy” identificamos e selecionamos sessenta e três produções publicadas entre o primeiro turno das eleições de 2018 e março de 2020.

Para análise dessa documentação — composta por artigos escritos para jornais ou boletins editados pelos *think tanks*, entrevistas na mídia e transcrições/resumos/vídeos de eventos promovidos na sede dos institutos — nos orientamos pela metodologia *Análise do Conteúdo* desenvolvida pela Laurence Bardin (2004). Tal metodologia permite aferir os conteúdos predominantes na produção ideacional dos *think tanks* a respeito do Brasil e, a partir disso, analisar suas características, seus emissores e os tipos de consensos em circulação no meio político estadunidense. A fim de organizar o material, empregamos como ferramenta o programa de análise *NVivo 11*, em específico utilizamos a sua opção de classificação do conteúdo dos textos por elementos significativos de contextos.

Seguindo os passos previstos para a Análise de Conteúdo, realizamos as diversas leituras do material coletado e, com base no objetivo da pesquisa, codificamos os conteúdos em sucessivas unidades temáticas até estabelecermos quatro grandes categorias que indicaram os temas centrais abordados pelos *think tanks* com relação à eleição e ao primeiro ano do governo Bolsonaro. São eles: reformas econômicas; relações Brasil-Estados Unidos; democracia e direitos humanos e, por fim, política ambiental. Após essa categorização, realizamos a interpretação desses dados. O resultado dessa análise é apresentado a seguir, a exposição é feita com base nos dois grupos de *think tanks* e conforme as categorias acima referidas. Citamos passagens representativas das percepções dominantes e, nestas citações, referimos seus autores em conjunto com

algumas informações de suas trajetórias de modo a apresentar não apenas sua afiliação institucional ao *think tank*, mas também a posição desde onde falam.

A análise da produção ideacional dos *think tanks*

O Brasil, suas instituições, lideranças e atuação internacional não são um tema novo para os *think tanks* dos EUA. Ao longo da primeira década do século XXI, o país chamou a atenção destas organizações em função do ciclo de crescimento econômico, redução da pobreza e estabilidade política, combinado com forte protagonismo internacional, os quais coloraram o Brasil na lista dos países classificados como emergentes. Naquela circunstância, vários *think tanks* estadunidenses descreveram Brasil como uma liderança internacional “responsável”, capaz de exportar um modelo de desenvolvimento democrático, inclusivo e de livre mercado. Embora a crise doméstica e a retração da política externa brasileira tenham enfraquecido essa visão positiva (SVARTMAN, 2018; WIETCHIKOSKI, 2018), o Brasil continuou sendo descrito nos EUA como um país capaz de exercer influência para além de sua região (através dos fóruns multilaterais ou de coalizões) e como um grande produtor de *comodities*. Consequentemente, o novo governo brasileiro tem sido objeto de atenção tanto da imprensa quanto dos *think tanks* estadunidenses dedicados à política externa e internacional. O emprego da metodologia descrita na seção anterior permitiu colher os resultados abaixo analisados.

As visões dos conservativas think tanks

Reformas econômicas

O discurso de reformas liberalizantes e de um incremento das relações comerciais com os EUA ainda durante a campanha, somado à escolha do economista Paulo Guedes como ministro da economia, gerou expectativa positiva entre os *conservatives think tanks* quanto ao novo governo. Em vários textos, o governo eleito brasileiro foi descrito como afinado com duas bandeiras (ou valores) centrais do conservadorismo estadunidense: o fortalecimento do livre comércio e o comprometimento com a diminuição do Estado na economia (HERITAGE, 2018, 2019; ROBERTS, 2018; 2019; NORIEGA, 2018). Exemplo disso pode ser constatado na entrevista de James Roberts, quadro da *Heritage* e ex-funcionário do Departamento de Estado, à emissora de televisão *Fox Business*, na qual sustenta que a eleição de Bolsonaro seria

(...) um desenvolvimento extremamente positivo para o Brasil, para a América Latina e os EUA. A realidade é que ele está falando em trazer mais liberdade econômica para o Brasil ao aumentar as oportunidades para o setor privado (...). Ele tem um novo e bom ministro da economia (...) que vai privatizar empresas para trazer dinheiro e investimentos para o Brasil, fazer acordos especialmente com os EUA (...) (ROBERTS, 2018, n.p, tradução nossa).

Nessa conjuntura, Bolsonaro foi identificado como: “O primeiro presidente do Brasil na história a enfrentar o *big government* e tentar reverter o enorme Estado brasileiro que está estrangulando sua economia” (ROBERTS, 2019, n.p, tradução nossa). Contudo, ao longo de 2019, as expectativas se converteram em decepção. O que identificou como a estagnação das reformas esperadas foi atribuída aos erros na própria condução política de Bolsonaro, a qual estaria fundamentada na incapacidade de negociação e num discurso excessivamente radicalizado. Como afirmou Ryan Berg (ex consultor de pesquisa do Banco Mundial e ex-pesquisador da Fundação Fulbright) em trabalho publicado na *The National Interest* e cujo título é bastante sugestivo: “Brasil de Bolsonaro é cego para seus problemas políticos”,

sua compulsão [de Bolsonaro] por demonizar os oponentes - comunistas ou detentores da ideologia de gênero e chamado "marxismo cultural" - complica sua capacidade de explicar questões complexas de uma maneira que possa reunir apoio a reformas críticas. (...) os primeiros meses de mandato do

presidente Jair Bolsonaro foram marcados por frustração porque ele se recusa a negociar no turvo sistema partidário do Congresso Brasileiro (BERG, 2019c, n.p, tradução nossa).

As passagens acima destacadas indicam que a convergência destes *think tanks* com a agenda econômica do governo não obliterou a apreciação quanto à (limitada) capacidade do governo “entregar” as reformas econômicas esperadas.

Relações Brasil-EUA

Por outro lado, no que diz respeito às relações bilaterais Brasil-Estados Unidos, os *conservative think tanks* difundiram percepções bastante positivas – tanto em suas expectativas iniciais quanto em relação à dinâmica estabelecida durante o primeiro ano de exercício do mandato de Bolsonaro. Na *Heritage Foundation* (o *think tank* aqui estudado mais próximo da administração Trump), por exemplo, vários textos foram publicados enfatizando a convergência de interesses entre o governo brasileiro e estadunidense. Como observou James Roberts em um trabalho vinculado ao principal jornal de divulgação do *think tank*, o *The Daily Signal*: “Bolsonaro é pró-EUA e pró-Israel e compartilha as suspeitas de Trump sobre a China sob a presidência de Xi Jinping” (ROBERTS, 2018, n.p.). Seguindo essa fala, o articulista declara:

(...) o presidente do Brasil também deve ser muito mais aberto do que presidentes esquerdistas anteriores, como Luiz Inácio "Lula" da Silva e Dilma Rousseff, para negociar um acordo de livre comércio e investimento com os Estados Unidos. Com sorte, Bolsonaro liderará um esforço regional para enfrentar a brutal ditadura de Maduro, apoiada pelos cubanos, na Venezuela, onde milhões sofrem com a má administração econômica em um país com enormes reservas de petróleo (ROBERTS, 2018, n.p, tradução nossa).

Ao destacar afinidades ideológicas, vários *think tanks* incentivaram que os EUA fortalecessem mecanismos de cooperação com o Brasil (BERG, 2019a; 2019d; 2019f; HERITAGE, 2019a; NORIEGA, 2020). Nesse sentido, no artigo “Uma aliança para salvar o hemisfério” Roger Noriega, ex-embaixador dos EUA na OEA, ressalta a necessidade da construção de uma parceria entre os dois países para o combate ao narcotráfico, ao governo de Nicolas Maduro e à presença chinesa o que, segundo ele, seriam as três principais ameaças na região latino-americana (NORIEGA, 2020). Falando desde o *American Enterprise Institute*, Noriega defende ainda que:

(..) essa aliança [Brasil-EUA] não deve ser apenas sobre lei e ordem. Uma aliança de pessoas livres nas Américas nunca poderia ser neutra quando se trata da influência de Pequim. Nas últimas décadas, a China financiou uma ditadura voraz na Venezuela e ajudou o Irã a escapar das sanções da ONU. Uma comunidade de nações livres poderia rejeitar as práticas anticompetitivas de Pequim para capturar concessões e projetos de infraestrutura. Também poderia favorecer a arquitetura segura da tecnologia 5G no hemisfério. Essa iniciativa Brasília-Washington faz muito sentido. As duas maiores economias das Américas têm mais a ganhar com cada governo usando seu peso para defender a democracia, o Estado de Direito e o livre mercado – em casa e na vizinhança (Noriega, 2020, n.p, tradução nossa).

As três visitas do presidente aos Estados Unidos em 2019 ensejaram também um esforço de aproximação do governo com os *think tanks* deste cluster. Em setembro daquele ano, a *Heritage Foundation* recebeu o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Ernesto Araújo, para que apresentasse a nova estratégia internacional do país. Embora a presença de ministros brasileiros nos *think tanks* estadunidenses não seja incomum², foi a primeira vez que um chanceler visitou um *think tank* deste lado do espectro ideológico. Como afirmou o anfitrião do evento, James Jay Carafano, tratava-se de “o primeiro ministro das relações internacionais e o primeiro funcionário de alto escalão do Brasil que nós já tivemos na Heritage Foundation. É uma grande honra.” (HERITAGE, 2019b, n.p, tradução nossa).

² Por exemplo, em 2007 o embaixador Antônio Patriota foi a *Brookings Institution* e em 2008, como em 2015, ao *Wilson Center*. Já em 2008, o *Wilson Center* recebeu o então ministro da Defesa, Nelson Jobim, para um debate sobre as relações Brasil-EUA e em 2010, o então embaixador do Brasil em Washington também participou de um evento no *Wilson Center* (WIETCHIKOSKI, 2018).

É importante notar que os *think tanks* nesta seção analisados deram mais atenção à convergência ideológica entre os governos de Brasília e de Washington que às questões operacionais da extensa (e complexa) agenda de relações bilaterais entre os dois países.

Democracia e Direitos Humanos

Apesar da convergência na agenda econômica e na promoção de valores conservadores, a eleição de Jair Bolsonaro levou os *conservative think tanks* a indagar sobre os rumos da democracia no Brasil. Ao considerar o perfil e o discurso do novo presidente, propagou-se a visão de que o Brasil teria um governo muito pouco comprometido com as liberdades individuais e os direitos humanos. (BERG, 2019e; 2019b; 2019c; HIDALGO, 2018; LACHMAN, 2019). Nesse sentido, Juan Carlos Hidalgo, membro da *Mont Pelerin Society* e da *CATO Institute*, em um artigo publicado na revista *National Interest*, considerou que as políticas desenvolvidas pelo governo brasileiro “estarão longe de se assemelhar a uma agenda pró-liberdade” (HIDALGO, 2018, n.p., tradução nossa). Para o autor,

Bolsonaro tem uma longa história de fazer declarações misóginas, homofóbicas e racistas. Ele alega que a solução para a epidemia do crime é permitir que a polícia execute mais criminosos - em 2016, policiais mataram 4.224 pessoas. Ele é também um admirador da ditadura militar que governou entre 1964 e 1985, criticando-a apenas por não matar "comunas" suficientes. Ele dedicou seu voto para destituir Rousseff a um ex-coronel do exército que administrava as masmorras de tortura durante o regime militar [...]. Bolsonaro é um clássico autoritário nos moldes de Rodrigo Duterte nas Filipinas (HIDALGO, 2018, n.p., tradução nossa).

O tema da corrupção também passou a ser associado ao novo governo. A resposta de Bolsonaro às denúncias de corrupção envolvendo integrantes do seu governo (incluindo seu filho, Flávio Bolsonaro) foi considerada como um ataque do governo às instituições. Para Desmond Lachman (ex-diretor adjunto do Departamento de Revisão e Desenvolvimento de Políticas do FMI) e Ryan Berg do AEI, a substituição dos diretores da Polícia Federal e a indicação de procuradores por Bolsonaro seriam grandes indícios da utilização das instituições para benefícios pessoais como também de obstrução de investigação, um grave ataque ao funcionamento da democracia no país (BERG, 2019; 2019b; 2019c; 2019e; LACHMAN, 2019).

Progressives

Relações Brasil-EUA

Ao contrário do observado no *cluster conservative*, a produção ideacional divulgada pelos *progressives think tanks* investigados mostrou-se cética quanto aos possíveis benefícios para o Brasil decorrentes do tipo de reaproximação entre os dois países. Para Harold Trinkunas (pesquisador da *Brookings* com credenciais acadêmicas), Bolsonaro tem implementado mudanças expressivas no perfil de atuação externa do Brasil, as quais colidiriam com a própria tradição diplomática do país:

Nem Bolsonaro parece gostar muito das abordagens tradicionais brasileiras à diplomacia. Bolsonaro prometeu rever o Mercosul, o projeto de integração regional do Brasil. Desejando aumentar as oportunidades do agronegócio na Amazônia, ele ameaçou retirar o acordo de mudança climática de Paris (que mais tarde se retratou, pelo menos temporariamente). Ele prometeu transferir a embaixada brasileira em Israel para Jerusalém, como fez o presidente Trump, revertendo o apoio de longa data do Brasil a uma solução de dois Estados. Bolsonaro tem sido muito crítico em relação à China, que é o maior parceiro comercial do Brasil, para o alarme dos líderes empresariais brasileiros e do governo chinês (TRINKUNAS, 2018, n.p., tradução nossa).

Para Trinkunas (2018), essas ações seriam prejudiciais para os próprios interesses externos brasileiros, uma vez que o Brasil afastaria possíveis parcerias ao passo que contaria, nos EUA, apenas com um presidente instável e com um ambiente onde o Brasil não é (e em raros momentos já foi) uma prioridade para sua elite política. Desse modo, Trinkunas prevê um Brasil mais isolado internacionalmente:

Em primeiro lugar, a visão altamente polarizadora do Brasil que o presidente eleito Bolsonaro estabeleceu dificilmente atrairá muitos estrangeiros, nem fornecerá novas razões para os parceiros diplomáticos se alinharem com o Brasil. Em segundo lugar, seu ataque às políticas diplomáticas tradicionais do Brasil reflete a falta de apoio à atual ordem internacional, na qual, apesar de todas as suas falhas, o Brasil confiou para ampliar sua influência e proteger seus interesses. E, finalmente, seu desejo de se alinhar com a política externa do presidente Trump significa apostar todas as fichas do Brasil em um inconstante presidente dos EUA e um *establishment* de política externa de Washington que tradicionalmente tem pouco se importado com o Brasil ou seus interesses (TRINKUNAS, 2018, n.p, tradução nossa).

O *Brazil Institute* do *Wilson Center*³ também buscou destacar os limites da reaproximação. Segundo Janaína Nelson (ex-consultora no Senado e do Pentágono e com passagem pelo Departamento de Estado), os acordos e promessas realizadas no encontro de março de 2019 não seriam efetivados. Para a articulista,

Os resultados concretos não virão desta vez. Fora o Acordo de Salvaguardas Tecnológicas, que será assinado durante a visita, não estão na pauta outros acordos de caráter vinculante. O apoio tão esperado para entrar na OCDE parece improvável, já que algumas alas do governo americano ainda não estão convencidas de que o Brasil realmente quer liberalizar a economia (NELSON, 2019, n.p, tradução nossa).

Democracia e Direitos Humanos

Os *progressives think tanks* também se mostraram preocupados com a situação da democracia no Brasil. Nesse contexto, observamos a convergência dos conteúdos de ambos grupos de *think tanks*. Assim como os *conservatives think tanks*, a produção discursiva apontou como as promessas de campanha, centradas na utilização de forças extrajudiciais para o combate à criminalidade bem como no seu histórico de discursos com conteúdo misógino e homofóbico, projetavam a imagem de Bolsonaro como um presidente pouco comprometido com as instituições e valores democráticos (COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2019a; KAPLAN, 2019; KURLANTZICK, 2018; PICANÇO; PRUSA, 2019; O'NEIL, 2018; SOTERO, 2018). Visto como um governante potencialmente violador dos direitos humanos, autores como Joshua Kurlantzick (membro do *CFR* e anteriormente colunista e correspondente de periódicos como *Times*, *The Economist* e *New Republic*) classificaram Bolsonaro como um presidente “populista autocrático”:

Sem dúvida, o populismo de tendência autocrática fez enormes progressos em todo o mundo na última década (...) e os populistas de direita ganharam poder na América do Norte e na Europa Ocidental também. Mas, em muitos aspectos, Bolsonaro se parece mais com um populista do sudeste asiático, Rodrigo Duterte. (...) Bolsonaro e Duterte prosperam com uma retórica brutal e misógina, como piadas sobre estupro. Eles também utilizam comentários insultuosos e grosseiros para chocar o sistema político e as normas políticas - uma típica tática de populistas autocráticos - para testar as ações que eles podem realizar e, não por coincidência, atrair um fluxo contínuo de atenção da mídia (KURLANTZICK, 2018, n.p, tradução nossa).

Também o *Inter American Dialogue* (*think tank* especializado em América Latina) deu voz aos críticos neste ponto. Em artigo cujo título “Quem salvará a democracia do Brasil se Jair Bolsonaro tentar destruí-la?” é bastante sugestivo, Michael Camilleri e Benjamin Gedan (ex-diplomatas que assessoraram o Conselho de Segurança Nacional) classificam Bolsonaro como um político de perfil autoritário. Para eles, “em seus 27 anos no Congresso do Brasil (...) Bolsonaro

³ O *Wilson Center* abriga vários programas e Institutos cobrindo temas e áreas de interesse distintos. Para a região, além do *Brazil Institute*, há o *Latin American Institute*, o *Mexico Institute* e o *Argentina Project*.

expressou nostalgia pela ditadura militar do Brasil e dedicou seu voto no *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff ao coronel que liderou um esquadrão de torturas da época da ditadura” (CAMILLERI; GEDAN, 2019, n.p, tradução nossa).

Embora o *Brazil Institute* do *Wilson Center*, tenha sido mais moderado na apreciação do compromisso de Bolsonaro com a democracia, prevaleceu a crítica no que concerne à defesa dos direitos humanos. Em um artigo intitulado “Nas Nações Unidas, o Brasil se alia a ultra conservadores a respeito de Gênero e educação sexual” Lara Picanço e Anya Prusa ressaltaram como as orientações da política externa adotadas pelo governo Bolsonaro estão conduzindo a um alinhamento brasileiro às políticas de países tradicionalmente contrários ao fortalecimento dos direitos humanos. Como exemplo, destacaram a posição do Brasil em relação proposta de resolução para combater o casamento forçado e infantil realizada no âmbito do Conselho de Direitos Humanos da ONU. Segundo as autoras, o Brasil defendeu eliminar a noção de ‘direito à saúde sexual e reprodutiva’ do texto da resolução, o que demonstraria

(...) o quanto a posição internacional do Brasil sobre direitos humanos e igualdade de gênero mudou no governo Bolsonaro. (...) é uma mudança marcante para um país que, poucos anos antes, introduziu uma resolução que condena violência e discriminação com base na identidade e gênero sexuais (PICANÇO; PRUSA, 2019, n.p, tradução nossa).

Política Ambiental

Diferentemente dos *conservatives* que não abordaram em nenhum momento a temática, houve uma extensiva produção dos *progressives think tanks* dedicada à crítica do que identificaram ser a ausência de compromisso do governo Bolsonaro com a agenda ambiental, particularmente em razão das inflexões do Brasil na política de preservação da floresta Amazônica. Considerado problema internacional, em razão do impacto da floresta no clima global, todos os *progressives think tanks* se mostraram críticos às políticas adotadas pelo governo (BASU, 2019; BROOKINGS, 2019; CHEATHAM, 2019; COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2019b; PATRICK, 2019; THOMAS, 2019).

Por exemplo, Stewart M. Patrick (que antes de ingressar ao CFR trabalhou no Departamento de Estado), foi enfático em definir as causas do desmatamento como políticas não só permitidas, como incentivadas pelo presidente “(...) se tivéssemos um satélite medindo a causa desse desmatamento, seria apontado para Brasília” (PATRICK, 2019, não paginado). Em sua avaliação, o governo vem alterando compromissos domésticos e internacionais importantes assumidos pelo Brasil na área da preservação ambiental:

Entre 2005 e 2012, o Brasil reduziu o desmatamento em 80%. Mesmo com um aumento recente, o desmatamento hoje permanece acentuadamente abaixo do início dos anos 2000. Tudo isso está prestes a mudar graças à chegada do nacionalista Bolsonaro. Além de renegar a promessa do Brasil de sediar a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima de 2019, o novo presidente - cuja plataforma Brasil Primeiro declarava que os regulamentos ambientais existentes estavam “sufocando o país” - prometeu fundir o ministério do meio ambiente com o ministério da agricultura - apesar da agricultura ser a maior fonte de desmatamento (PATRICK, 2019, n.p, tradução nossa).

As publicações da *Brookings* foram no mesmo tom. Por exemplo, para o ex-economista-chefe do Banco Mundial Kaushik Basu, Bolsonaro estaria “empenhado em promover o desmatamento em benefício da mineração, exploração madeireira e pecuária” e a partir desses interesses, mantém um governo inerte ao combate do desmatamento/queimada:

A floresta amazônica está queimando há semanas. No entanto, o presidente de direita do Brasil, Jair Bolsonaro, mobilizou as forças armadas para ajudar a conter os incêndios apenas nos últimos dias - diante da ameaça dos líderes europeus de suspender um grande acordo comercial e da possibilidade de um boicote abrangente de produtos brasileiros. E embora a reversão do governo Bolsonaro e a fraca aplicação das leis que protegem a Amazônia sejam as causas principais da crise, incentivando os fazendeiros a incendiar áreas para limpar a terra para a agricultura, não houve menção a nenhuma mudança de política (BUSU, 2019, n.p, tradução nossa).

Basu ainda argumenta que esse conjunto de ações tem consequências, inclusive, à própria democracia e a manutenção de um projeto anticorrupção no Brasil:

A crise na Amazônia é um exemplo gritante dos danos que podem ser causados quando os governos se curvam inequivocamente aos interesses comerciais. Também destaca um fenômeno cada vez mais comum: a manipulação cínica dos esforços anticorrupção para minar a democracia e promover uma agenda política autoritária (BUSU, 2019, n.p, tradução nossa).

Vinod Thomas — professor visitante na *Brookings* e ex-vice presidente do Banco Mundial — complementa essa visão comparando Bolsonaro e Trump para sustentar que a política do primeiro para a Amazônia é contraproducente para a própria economia do país:

O ponto de entrada para uma reação popular é que Bolsonaro foi eleito - como Donald Trump - com a falsa premissa de que a imprudente desregulamentação do meio ambiente impulsionará o crescimento econômico. Os formuladores de políticas do Brasil devem levar em consideração as evidências de que o esgotamento do capital natural, como florestas, prejudica o crescimento e o bem-estar a longo prazo. No último meio século, não houve um crescimento constante de, digamos, extração ilegal de madeira. De fato, a relação foi inversa, especialmente durante períodos de baixo desmatamento que coincidiram com um crescimento relativamente forte, principalmente na agricultura (THOMAS, 2019, n.p, tradução nossa).

Conclusões

Neste artigo, empregamos a análise de conteúdo para avaliar as percepções dos *think tanks* dos Estados Unidos a respeito da eleição e do primeiro ano do governo Jair Bolsonaro. Considerando a retórica e as reorientações da política externa adotadas pelo governo brasileiro, em favor de um alinhamento com o governo dos Estados Unidos, julgamos pertinente investigar a recepção desses atos não exatamente no governo daquele país, mas numa esfera mais ampla, o espaço dos *think tanks*, cuja sistemática produção e circulação de ideias procura influenciar a formulação de políticas e modelar a opinião pública.

Os *think tanks* aqui investigados abordaram a eleição e o primeiro ano de governo de Bolsonaro priorizando quatro temas: as reformas econômicas, as relações bilaterais, democracia e direitos humanos e política ambiental. Sua apreciação e distribuição foram desiguais entre os que se identificam como *conservatives* e os *progressives*. O tema das reformas, ou da redução do Estado, foi caro ao primeiro grupo, sendo a eleição de Bolsonaro bem recebida neste meio. Entretanto, o estilo confrontacionista do presidente passou a ser apontado como a razão do que entendem ser os limitados avanços do Brasil neste setor. É importante notar que os *think tanks progressives* não dedicaram atenção a esta pauta. No âmbito das relações bilaterais, os *think tanks* mais identificados com o governo Trump viram no alinhamento brasileiro a oportunidade de avançar as agendas de mudança de regime na Venezuela e de contenção da China na América Latina, embora predominasse o ceticismo ou a crítica quanto a conveniência, até mesmo para o Brasil, desta linha de ação. Chama atenção, em ambos os *clusters*, o silêncio a respeito de temas antes frequentes da pauta bilateral dos dois países, em particular a atuação em fóruns globais e a imigração. Democracia e direitos humanos foi um tema no qual as produções ideacionais foram bastante críticas e praticamente consensuais até entre os conservadores, demarcando uma diferença significativa entre as proclamações de apoio ao governo brasileiro oriundas da Casa Branca e a apreciação de segmentos mais amplos do meio político e da opinião pública dos Estados Unidos. As análises da política ambiental do governo brasileiro estiveram restritas aos *progressives think tanks*, seu conteúdo foi severamente crítico, em parte espelhando a mesma apreciação que fazem do governo Trump. Outro elemento que merece destaque é que, diferente do que registrado na década passada, em nenhum momento a produção ideacional aqui investigada atribui ao Brasil protagonismo ou liderança internacional. Enquanto na década anterior os *think tanks* dos Estados Unidos haviam descrito o Brasil como membro de grupos como BRICS, IBSA, G-

20 ou como líder regional com aspirações globais (TEIXEIRA, 2011; SVARTMAN, 2016; WIETCHIKOSKI, 2018), a atual produção tende a enquadrar o Brasil como apenas mais um país da América Latina.

Considerações finais

Se, como argumentam Lima e Albuquerque (2019), a atual política externa brasileira atende às redes conservadoras de apoiadores do presidente no âmbito da sociedade brasileira e às amplifica internacionalmente, articulando-as com governos de direita e extrema direita nos EUA e em outros países, a análise de conteúdo da produção ideacional permite afirmar que as percepções positivas a respeito do presidente brasileiro e de suas agendas doméstica e externa estiveram circunscritas a uma parte dos *think tanks* mais alinhados com o governo Donald Trump e limitada a determinados temas e à sua capacidade de pôr em prática políticas específicas, ao passo que a maioria dos *think tanks* investigados publicou conteúdos críticos. Tal constatação levanta dúvidas quanto à pertinência deste tipo de alinhamento, cuja recepção positiva se resume a segmentos sociais ideologicamente afins.

No passado, o Brasil já experimentou uma aliança militar com os Estados Unidos (com Getúlio Vargas durante a II Guerra mundial) e alinhamentos estreitos (nos governos Dutra e Castelo Branco) (AMORIM NETO, 2011). Nas três ocasiões havia um significativo consenso interno nos EUA quanto à condução de sua política externa e do papel que cabia ao Brasil no sistema internacional que Washington estava construindo. Ainda assim, o Brasil foi forçado a revisar essa posição em função dos benefícios limitados oriundos do alinhamento e das crescentes divergências nos interesses dos dois países (CERVO; BUENO, 2015; PECEQUILO, 2012). Cabe agora avaliar se, num contexto em que não há consenso nos Estados Unidos sobre sua política externa e nem sobre o que representa o novo governo brasileiro, se o alinhamento proclamado renderá os frutos esperados.

Referências

- AMORIM NETO, Octavio. **De Dutra a Lula: a condição e os determinantes da política externa brasileira**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- ARAÚJO, Ernesto. A posse do PR Bolsonaro marcará o início de um governo com postura firme e clara na defesa da liberdade. Com esse propósito e frente às violações do regime Ortega contra a liberdade do povo da Nicarágua, nenhum representante desse regime será recebido no evento do dia 1º. 23 de dez de 2018. Twitter: @ernestofaraju. Disponível em: <<https://twitter.com/ernestofaraju/status/1076890640657666048>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- ABELSON, E. Donald. **A Capitol Idea: Think Tanks and US Foreign Policy**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BASU, Kaushik. Corrupt anti-corruption campaigns. **Brookings Institution**, Washington, DC, August 29, 2019. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/corrupt-anti-corruption-campaigns/>>. Acesso em: 7 abr. 2020.
- BERG, Ryan C. Bolsonaro in Davos: A missed opportunity. **AEI**, Washington, DC, January 24, 2019a. Disponível em: <<https://www.aei.org/foreign-and-defense-policy/latin-america/bolsonaro-in-davos-a-missed-opportunity/>>. Acesso em: 7 abr. 2020.
- BERG, Ryan C. Brazil's Bolsonaro continues to be his own worst enemy. **AEI**, Washington, DC, September 24, 2019b. Disponível em: <<https://www.aei.org/foreign-and-defense-policy/brazils-bolsonaro-continues-to-be-his-own-worst-enemy/>>. Acesso: 11 abr. 2020.
- BERG, Ryan C. Brazil's Bolsonaro is blind to his political problems. **AEI**, Washington, DC, May 6, 2019c. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/brazils-bolsonaro-is-blind-to-his-political-problems/>>. Acesso: 11 abr. 2020.
- BERG, Ryan C. Focus on the substance: The Trump-Bolsonaro bilateral was a success. **AEI**, Washington, DC, March 26, 2019d. Disponível em: <<https://www.aei.org/foreign-and-defense-policy/latin-america/focus-on-the-substance-the-trump-bolsonaro-bilateral-was-a-success/>>. Acesso: 7 abr. 2020.
- BERG, Ryan C. Palace intrigue in Brasília hampers Bolsonaro's agenda. **AEI**, Washington, DC, February 14, 2019e. Disponível em: <<https://www.aei.org/foreign-and-defense-policy/latin-america/palace-intrigue-in-brasil-impedes-bolsonaros-agenda/>>. Acesso: 7 abr. 2020.

- BERG, Ryan C. To improve US-Brazil relations, cheer Bolsonaro's domestic success. **AEI**, Washington, DC, March 1, 2019f. Disponível em: <<https://www.aei.org/foreign-and-defense-policy/latin-america/to-improve-us-brazil-relations-cheer-bolsonaros-domestic-success/>>. Acesso em: 7 abr. 2020.
- BOLSONARO, Jair. Presidente eleito no Brasil e Primeiro Ministro de Israel falam sobre nova relação entre os países. 28 de dez de 2018. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1078795771410087937>>. Acesso em: 29 dez. 2019.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Discurso do ministro Ernesto Araújo durante cerimônia de Posse no Ministério das Relações Exteriores – Brasília, 2 de janeiro de 2019. Brasília, Ministério das Relações Exteriores, 3 jan. 2019. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-discursos/19907-discurso-do-ministro-ernesto-araujo-durante-cerimonia-de-posse-no-ministerio-das-relacoes-exteriores-brasilia-2-de-janeiro-de-2019>>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- BROOKINGS INSTITUTION. What do the Amazon fires mean for Brazil's economic future? **Brookings Institution**, Washington, DC, August 27, 2019. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/podcast-episode/what-do-the-amazon-fires-mean-for-brazils-economic-future/>>. Acesso em: 7 abr. 2020.
- CHEATHAM, Amelia. How Brazil's Burning Amazon Threatens the Climate. **CFR**, Washington, DC, August 29, 2019. Disponível em: <<https://www.cfr.org/in-brief/how-brazils-burning-amazon-threatens-climate>>. Acesso em: 8 abr. 2020.
- CARDOSO *et al.* A reconstrução da política externa brasileira. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 de março de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/a-reconstrucao-da-politica-externa-brasileira.shtml> originfolha>. Acesso em: 15 mai. 2020.
- CERVO, Amado; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil**. 5 ed. Brasília: Editora da UnB, 2015.
- COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Democracy and Authoritarianism in Brazil. **CFR**, Washington, DC, 2019. Disponível em: <<https://www.cfr.org/conference-calls/democracy-and-authoritarianism-brazil>>. Acesso: 7 abr. 2020.
- COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Trump and Bolsonaro Meet, Huawei Creates Conflict, and More. **CFR**, Washington, DC, March 14, 2019. Disponível em: <<https://www.cfr.org/podcasts/trump-and-bolsonaro-meet-huawei-creates-conflict-and-more>>. Acesso de: 7 abr. 2020.
- FINNEMORE, Martha. **National interests in international society**. Cornell University Press, 1996.
- HERITAGE FOUNDATION. Brazil Is Back: A Conversation with Brazilian Minister of Foreign Affairs Ambassador Ernesto Araújo. **Heritage Foundation**, Washington, DC, September 11, 2019b. Disponível em: <<https://www.heritage.org/global-politics/event/address-brazilian-foreign-minister-ernesto-araujo>>. Acesso: 11 abr. 2020.
- HERITAGE FOUNDATION. Fox Business, James Roberts: "People of Brazil Have Rejected" Latin American Socialism. Entrevista da Fox Business a James Roberts. (3min 27s) 30 oct. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3UTEAhWQUAO>>. Acesso em: 2 nov. 2018.
- HERITAGE FOUNDATION. Mike Gonzalez: We Could See a Growth in Trade between U.S. and Brazil. **Heritage Foundation**, Washington, DC, March 19, 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=6&v=VAGjkNuJqE8&feature=emb_logo>. Acesso em: 11 abr. 2020.
- HIDALGO, Juan Carlos. Brazil's Bolsonaro Is No Friend of Liberty. **CATO Institute**, Washington, DC, 26 oct. 2018. Disponível em: <<https://www.cato.org/publications/commentary/brazils-bolsonaro-no-friend-liberty>>. Acesso em: 2 nov. 2018.
- HOPF, Ted. **Social construction of international politics: identities e foreign policies, Moscow, 1995 e 1999**. New York: Cornell University Press, 2002.
- IKENBERRY, John. The Plot against American Foreign Policy: Can the Liberal Order Survive? **Foreign Affairs**, v. 96, n. 1, 2017.
- JERVIS, Robert. **Perception and Misperception in International Politics**. Princeton, Princeton University Press, 1976.
- KAPLAN, Josh. (Agri)business as Usual_Curbing Deforestation in the Amazon Rainforest. **Wilson Center**, Washington, DC, August 12, 2019. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/blog-post/agribusiness-usual-curbing-deforestation-the-amazon-rainforest>>. Acesso em: 4 abr. 2020.
- KURLANTZICK, Joshua. Ascendant: The Similarities to Rodrigo Duterte. **CFR**, Washington, DC, 8 oct. 2018. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/bolsonaro-ascendant-similarities-rodrigo-duterte>>. Acesso em: 29 out. 2018.
- LACHMAN, Desmond. Bolsonaro's Brazil in public debt peril. **AEI**, Washington, DC, June 17, 2019. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/bolsonaros-brazil-public-debt-peril/>>. Acesso em: 7 abr. 2020.
- LIMA, Maria Regina Soares de; ALBUQUERQUE, Marianna Restum de. O estilo Bolsonaro de governar e a política externa. **BOLETIM OPSA**. Rio de Janeiro, v. 4, p. 15-21-21, 2019. Disponível em: <<http://opsa.com.br/boletim-opsa-no1-jan-mar-2019/>>. Acesso em: 15 mai. 2020.
- MACGANN, James G. **The Global Go To Think Tanks Report**. 2017. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1012&context=think_tanks>. Acesso em: 4 mai. 2018.

MEDVETZ, Thomas. **Think Tanks in America**. Chicago: The University of Chicago Press, 2012.

NELSON, Janaina. Brazil's Role in Venezuela Crisis Will Be Put to the Test in Bolsonaro's Visit to Trump. **Wilson Center**, Washington, DC, March 18, 2019. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/blog-post/brazils-role-venezuela-crisis-will-be-put-to-the-test-bolsonaros-visit-to-trump>>. Acesso em: 4 abr. 2020.

NORIEGA, Roger. Right turn for Brazil? **AEI**, Washington, DC, 9 oct. 2018. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/a-right-turn-for-brazil/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

NORIEGA, Roger. Uma aliança para salvar o hemisfério. **AEI**, Washington, DC, March 3, 2020. Disponível em: <<https://www.aei.org/op-eds/uma-alianca-para-salvar-o-hemisferio/>>. Acesso em: 7 abr. 2020.

O'NEIL, Shannon. Latin America's Coming Family Feud Fiery new populist presidents in Brazil and Mexico could turn an old rivalry toxic. **Bloomberg**. New York, 1 nov, 2018. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2018-11-01/bolsonaro-and-amlo-could-turbocharge-a-latin-american-feud>>. Acesso em: 3 nov. 2018.

PATRICK, Stewart M. A Tale of Two Amazons. **CFR**, Washington, DC, January 29, 2019. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/tale-two-amazons>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

PECEQUILO, Cristina. **Os Estados Unidos e o século XXI**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PHILLIPS, Tom. Trump of the tropics: the 'dangerous' candidate leading Brazil's presidential race. **The Guardian**, 19 apr 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/apr/19/jair-bolsonaro-brazil-presidential-candidate-trump-parallels>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

PICANÇO, Lara Bartilotti; PRUSA, Anya. At the United Nations, Brazil Allies with Ultra-Conservatives on Gender and Sex-Ed. **Wilson Center**, Washington, DC, July 22, 2019. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/blog-post/the-united-nations-brazil-allies-ultra-conservatives-gender-and-sex-ed>>. Acesso em: 4 abr. 2020.

RICH, Andrew. **Think tanks, public policy and the politics of expertise**. Cambridge university Press, 2004.

RITTNER, Daniel. Bolsonaro estuda 'nova' relação com os EUA. **Valor Econômico**, Brasília, 24 de out. 2018. Disponível em: <<https://www.valor.com.br/brasil/5944963/bolsonaro-estuda-nova-relacao-com-eua>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

ROBERTS, James. Brazil's Bolsonaro Should Follow Trump's Lead and Slash Regulations. **Heritage Foundation**, Washington, DC, Nov 26, 2019. Disponível em: <<https://www.heritage.org/international-economies/commentary/brazils-bolsonaro-should-follow-trumps-lead-and-slash>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

ROBERTS, James. Here's How Brazil's President-Elect Can Make Brazil Great Again. **Heritage Foundation**, Washington, DC, 31 oct. 2018. Disponível em: <<https://www.heritage.org/americas/commentary/heres-how-brazils-president-elect-can-make-brazil-great-again>>. Acesso em: 3 nov. 2018.

SARAIVA, Miriam Gomes; SILVA, Alexandra de Mello. Between Political Crisis and COVID-19: Bolsonaro's Foreign Policy. **E-INTERNATIONAL RELATIONS**. Buckingham, v. 02, p. 1-4, 2020. Disponível em: <<https://www.e-ir.info/2020/06/02/between-political-crisis-and-covid-19-bolsonaros-foreign-policy/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SMITH, James. **The Idea Brokers: Think Tanks and the Rise of the New Policy Elite**. New York: Free Press, 1991.

SOTERO, Paulo. Bolsonaro's Victory Opens New Chapter for Brazil, But Path Forward is Uncertain. **Wilson Center**, Washington, DC, 29 oct. 2018. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/blog-post/bolsonaros-victory-opens-new-chapter-for-brazil-path-forward-uncertain>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. Argentina e Brasil na visão dos think tanks dos Estados Unidos. **Carta Internacional**, v. 13, n. 1, maio 2018.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. Os think tanks dos EUA e as visões sobre a atuação internacional do Brasil. **Relaciones Internacionales**, n. 50, p. 171-186, 2016.

TEIXEIRA, Tatiana. **Os think tanks e sua influência na política externa dos EUA**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

TEIXEIRA, Tatiana. Os Brics na visão dos principais think tanks norte-americanos. **Carta Internacional**. Belo Horizonte, v. 6, p. 132-145, 2011. Disponível em: <<https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/43>>. Acesso em: 15 mai. 2020.

TRINKUNAS, Harold. Brazil's new president: strongman at home, weak man abroad? **Brookings Institution**, Washington, DC, 31 oct. 2018. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2018/10/31/brazils-new-president-strongman-at-home-weak-man-abroad/>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

VEZIRGIANNIDOU, Sevasti-Eleni. The United States and the rising powers in a post-hegemonic global order. **International Affairs**, v.89, n.3, 2013, p.635-651.

THOMAS, Vinod. For growth and well-being, climate crisis overshadows all else. **Brookings Institution**, Washington, DC, August 23, 2019. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/future-development/2019/08/23/for-growth-and-well-being-climate-crisis-overshadows-all-else/>>. Acesso em: 7 abr. 2020.

WIETCHIKOSKI, Luciana. **A atuação internacional do Brasil no século XXI**: as visões dos principais think tanks estadunidenses (2003-2016). 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

Funções de colaboração exercidas

Luciana Wietchikoski

Conceituação; Metodologia; Validação; Curadoria de dados; Administração do projeto; Visualização; Análise formal; Investigação; Supervisão; Escrita (primeira redação); Escrita (revisão e edição);

Eduardo Munhoz Svartman

Conceituação, Metodologia, Validação, Visualização, Análise formal, Escrita (revisão e edição), Supervisão;

Informações fornecidas pelos(as) autores(as) de acordo com a [Taxonomia de Funções de Colaborador \(CRediT\)](#)